

**“Me faz feliz!”:
o discurso religioso de mulheres pentecostais**
**“Makes me happy!”:
The religious speech of Pentecostal women**

Claudia Danielle Andrade Ritz¹

RESUMO

Esse artigo integra nossa pesquisa de mestrado em Ciências da Religião, sobre a violência doméstica experienciada por sete mulheres pentecostais. Objetivamos, a partir do discurso religioso das entrevistadas pentecostais, apresentar: 1) uma breve síntese do perfil dos pentecostais no Brasil conforme Censo 2010 e das pentecostais entrevistadas; 2) o discurso das entrevistadas sobre a pertença pentecostal, a fé, a compreensão de Deus e a presença feminina na Bíblia; 3) os discursos citados como sendo das lideranças religiosas frente aos pedidos de aconselhamento das mulheres. Realizamos uma pesquisa exploratória qualitativa, composta por referencial teórico e pesquisa de campo com entrevistas, mediante questionário estruturado. Nos exames das respostas aplicamos a análise de discurso e concluímos pelo alcance da pertença pentecostal e das crenças apresentadas nos discursos para além das estruturas da Igreja, alcançando o ambiente secular.

PALAVRAS-CHAVE

Discurso religioso. Gênero. Violência doméstica. Pentecostalismo. Religião.

¹ Doutoranda em Ciências da Religião no PPGCR da PUC Minas, bolsista FAPEMIG, sob orientação do Prof. Dr. Flávio Senra. Membro do grupo de pesquisa Religião e Cultura do PPGCR da PUC Minas. Mestra em Ciências da Religião no PPGCR da PUC Minas (2018), bolsista CAPES, sob orientação do Prof. Dr. Flávio Senra. Bacharel em Direito pela PUC Minas (2008). Especialista em Direito do Trabalho pela UCAM RJ (2010). Bacharel em teologia pelo Centro Universitário Izabela Hendrix (2018).

ABSTRACT

This article is part of our Master of Science research on the domestic violence experienced by seven Pentecostal women. From the religious discourse of the Pentecostal respondents, we aim to present: 1) a brief synthesis of the profile of Pentecostals in Brazil according to the 2010 Census and of the Pentecostals interviewed; 2) the interviewees' discourse on Pentecostal belonging, faith, understanding of God, and feminine presence in the Bible; 3) the speeches cited as being of the religious leaders in face of requests for counseling of women. We conducted a qualitative exploratory research, consisting of theoretical framework and field research with interviews, using a structured questionnaire. In the examination of the answers we applied discourse analysis and concluded by reaching the Pentecostal belonging and the beliefs presented in the discourses beyond the structures of the Church, reaching the secular environment.

KEYWORDS

Religious speech. Gender. Domestic violence. Pentecostalism. Religion.

Introdução

Nesse artigo apresentaremos alguns dados e análises dos discursos religiosos e de suas respectivas recepções de sete mulheres pentecostais entrevistadas. Tais dados decorrem da pesquisa de campo realizada em nosso mestrado intitulado *A casa púrpura e escarlate: um estudo sobre a violência doméstica experienciada por sete mulheres pentecostais*. Todas as sete mulheres entrevistadas se declaram pentecostais, com tempo médio de mais de duas décadas nessa pertença. A pertença pentecostal é expressa no modo de falar, nos frequentes jargões, nas reflexões, ponderações e nas soluções que apresentam para problemas de naturezas diversas.

Como metodologia, realizamos uma pesquisa exploratória qualitativa, composta por referencial teórico e pesquisa de campo. Na pesquisa de campo, utilizamos entrevistas individuais com questionário estruturado,

como ensina João Bosco Lodi². As entrevistas foram realizadas individualmente em fevereiro de 2017, em locais neutros e definidos pelas entrevistadas, nos municípios de Belo Horizonte, Contagem e Sabará, no Estado de Minas Gerais.

Contamos com a participação voluntária de sete mulheres pentecostais, portanto, nossa amostragem não é probabilística e, por isso, não almeja generalizações de qualquer natureza. Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos explicam que “a característica da amostragem não probabilística decorre do não uso de formas aleatórias de seleção. Logo, torna-se impraticável a aplicação de fórmulas estatísticas para o cálculo que represente toda a população”³. Registramos que, dada a especificidade e personalidade do tema, que adentra a intimidade da vida doméstica e da pertença religiosa, a disponibilidade e o interesse das entrevistadas em participar da pesquisa foi basilar.

Aos discursos colhidos, aplicamos a análise de discurso, como ensina Michel Foucault:

Os discursos são práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse “mais” que os tornam irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever⁴.

Essa perspectiva da análise do discurso é também explicada por Norma Fairclough⁵, que a descreve como sendo dotada de objetivos emancipatórios, daquelas ditas ‘minorias segregadas socialmente’. Esse aspecto emancipatório foi fundamental para escolha dessa ferramenta metodológica, pois buscamos nos discursos religiosos das pentecostais entrevistadas os sentidos imprimidos por elas nas experiências e nas

² LODI, João Bosco. *A entrevista: teoria e prática*. 2ª ed. São Paulo: Pioneira, 1974.

³ MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa*. 7ª ed. São Paulo: Atlas. 2012, p. 84.

⁴ FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*: aula inaugural no Collège de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 15ª ed. São Paulo: Loyola, 2007, p. 55.

⁵ FAIRCLOUGH, Norman. Tradução de Iran Ferreira de Melo. *Methods of critical discourse analysis*. Organizada por Wodak e Meyer. 2ª ed. Londres: Sage, 2005.

convicções, as quais foram expressas nos discursos e nas expressões corporais.

Frente ao exposto, esse artigo será composto pela exposição de uma breve síntese do perfil dos pentecostais no Brasil a partir do Censo 2010 e das pentecostais entrevistadas. Além disso, faremos a apresentação do discurso das entrevistadas sobre a pertença pentecostal, a fé, a compreensão de Deus e a percepção da presença feminina na Bíblia. Por fim, apresentaremos o discurso dito pelas entrevistadas como sendo das lideranças religiosas, frente aos pedidos de ‘aconselhamento’ das pentecostais.

1. Síntese dos perfis dos pentecostais no Brasil e das pentecostais entrevistadas

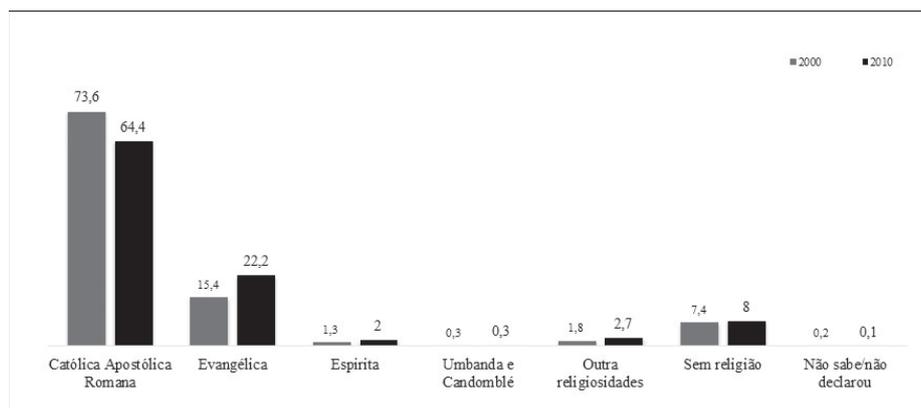
Preliminarmente, notamos que o pentecostalismo é considerado no século XX como um de seus movimentos religiosos mais significativos, como afirma Leonildo Silveira Campos⁶. Desde o ‘desembarque’ do pentecostalismo no Brasil em 1910, novas denominações surgiram no meio evangélico, sendo algumas oriundas do protestantismo histórico. Embora o pentecostalismo nas terras brasileiras remonte a pouco mais de um século, de acordo com o Censo Demográfico Religioso de 2010, o crescimento é exponencial. Isso porque, quase um ¼ da população residente no Brasil, ou seja, 22% são evangélicos⁷, índice que em 2000 era de 15,4%. Isso representa um aumento de 6,8% em uma década. Nesse percentual, afirma Campos que “19,82% situa-se nas áreas urbanas e, deste percentual, 3,56% são evangélicos de missão, enquanto 11,72% pentecostais”⁸. Não obstante para termos um panorama da distribuição de grupos de religião no Brasil 2000/2010, temos o seguinte gráfico.

⁶ CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. *Revista USP – Estudos de Ciências e Humanidades*, São Paulo, n. 67, 2005, 2005, p. 100-115.

⁷ Censo 2010. IBGE. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=religi%C3%A3o&searchphrase=all>>. Acesso em 03 abr. 2018.

⁸ CAMPOS, 2013, p. 149.

**Gráfico 1 – Grupos de religião Brasil. 2000/2010 –
Percentual da população residente**



Fonte: Elaborada pela autora a partir do Censo IBGE. 2010

O crescimento de 15,4 para 22,2 % em uma década é um acríve relevante e isso corresponde a 42.275.440 milhões de pessoas residentes no Brasil. Talvez seja por isso que percebemos as músicas, os jargões e a considerável participação política dos pentecostais, sendo difundidas não apenas pela mídia e rádio, como aduz Campos⁹, mas em diversos contextos sociais e políticos, inclusive pelos discursos dos próprios fiéis dessa pertença. Aliás, o ingresso do pentecostalismo no ambiente secular é algo recorrente, especialmente na política e nas mídias sociais, como dito alhures e acentuado por Magali do Nascimento Cunha¹⁰. Segundo Peter Berger¹¹, “pode-se observar no mundo inteiro o sucesso do protestantismo evangélico, cujo capítulo mais impressionante é o pentecostalismo”.

O pentecostalismo se distende na sociedade e na política brasileira¹², por conseguinte, alcança a cultura e constantemente se ajusta ao

⁹ CAMPOS, Leonildo Silveira. “Pentecostalismo e protestantismo histórico no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças”. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, n. 22, 2011, p. 504-533.

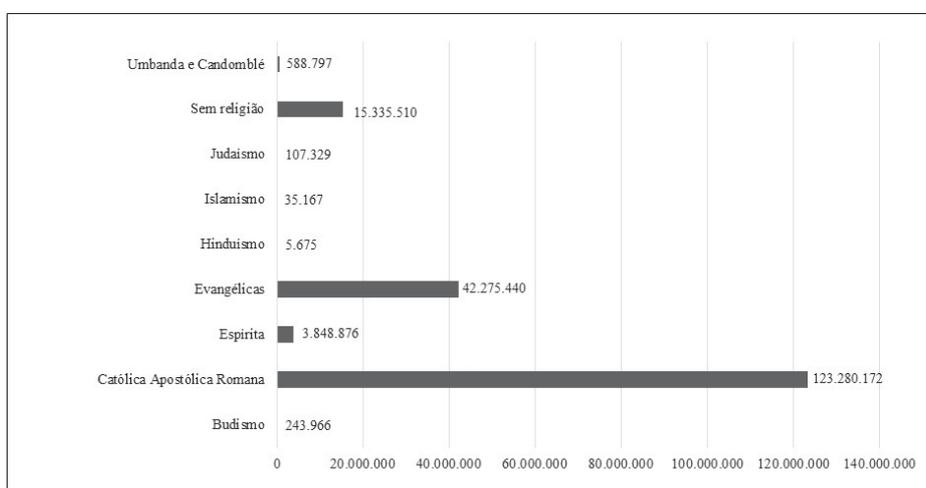
¹⁰ CUNHA, Magali do Nascimento. *Dos púlpitos às mídias sociais*. Evangélicos na política e ativismo social. Curitiba: Prismas, 2017.

¹¹ BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido*. A orientação do mundo moderno. 2018. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, p. 50.

¹² CUNHA, Magali do Nascimento. *Dos púlpitos às mídias sociais*. Evangélicos na política e ativismo social. Curitiba: Prismas, 2017.

momento e demandas que a sociedade apresenta, como pode ser notado na habilidade historicamente demonstrada pelos pentecostais com as mídias e rádio para difusão das crenças e expansão. No gráfico a seguir, temos em números absolutos, a população residente por religião em 2010.

Gráfico 2 – População residente por religião 2010



Fonte: Elaborada pela autora a partir do Censo IBGE. 2010

Notamos pelo gráfico que além do Catolicismo a segunda grande concentração de autodeclaração são os evangélicos. De acordo com o Censo 2010, dentre os evangélicos, o perfil dos pentecostais é composto por pessoas mais jovens em termos etários, com idade média de 27 anos. Sobre a cor da pele, 48,9 % se declaram pardos. Os evangélicos pentecostais¹³ estão entre os grupos com maiores contingentes de pessoas

¹³ Os evangélicos pentecostais são distinguidos no Censo 2010 do Brasil a partir da denominação das Igrejas, as quais são citadas a seguir, cuja sequência condiz com maiores números de pessoas que declaram pertença: Igreja Assembleia de Deus, Igreja Congregação Cristã do Brasil, Igreja o Brasil para Cristo, Igreja Evangelho Quadrangular, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Casa da Bênção, Igreja Deus é Amor, Igreja Maranata, Igreja Nova Vida, Evangélica renovada não determinada, Comunidade Evangélica, Outras igrejas Evangélicas de origem pentecostal e Evangélica não determinada. Além dessas Igrejas, existem outras, as quais são fundadas por iniciativas e motivos diversos, cujas práticas e regras condizem com as de natureza pentecostal.

de 15 anos ou mais sem instrução (6,2%) e formavam em 2010 o grupo religioso com a maior proporção de pessoas pertencentes a classes de rendimento com até um salário mínimo (63,7%). Quanto ao gênero, a maioria dos pentecostais é composta por mulheres. Em síntese, o perfil predominante do pentecostalismo no Brasil é composto na sua maioria por mulheres, jovens, pardas (os), com pouco estudo e baixo rendimento.

No que tange ao perfil das entrevistadas, as quais são designadas pelos pseudônimos bíblicos que escolheram: Débora, Glória, Rute, Sara, Raquel e Raabe, a maioria frequenta alguma igreja pentecostal que se derivou de uma igreja Batista histórica ou Quadrangular¹⁴, além da Assembleia de Deus, como elas mesmas afirmam. O tempo médio de pertença pentecostal é 18 anos e a faixa etária média é 49 anos. A renda média exclusiva das entrevistadas varia entre 03 a 05 salários mínimos (2017) e quando incluída a renda dos demais familiares, há um ligeiro aumento para 04 a 05 salários mínimos. Logo, as mulheres são importantes no provimento financeiro doméstico. A escolaridade de 43% é 1º grau incompleto, também 43% com 2º grau completo e 14% com graduação em Teologia. A escolha da graduação foi motivada pela fé e pertença, mesmo sendo da membresia de uma igreja que ainda não permite o pastorado feminino. Aliás, nessa igreja não é requisito que os pastores tenham o bacharelado em teologia, como nos explicou Glória (2017).

Em síntese, notamos que o perfil pentecostal nacional é bastante semelhante ao perfil das mulheres pentecostais entrevistadas – mulheres, pouca escolaridade, baixo rendimento, residentes em região urbana. Acrescentamos, muitos anos de pertença pentecostal e fervor religioso expresso consistentemente nos discursos. O pentecostalismo que encontramos em campo é bastante manifesto nas entrevistadas, extrapolando as estruturas eclesiais, alcançando o cotidiano e as emoções delas, afinal, se emocionavam – sorriam, choravam – ao falar da própria fé e pertença. Isso porque, para elas, o pentecostalismo se mostrou efetivo no contexto religioso como também no secular, porque se modula e se transforma frequentemente, e nesse processo, se amolda a cultura. Para Leonildo Silveira Campos:

¹⁴ Não mencionaremos os nomes das Igrejas para preservação das identidades.

O pentecostalismo mudou para melhor se acomodar numa cultura também em rápida transformação, e estaria acontecendo com o pentecostalismo o que a dialética chama de “salto de qualidade”. No lugar e sob o rótulo “pentecostalismo” não estaria surgindo uma nova religião?¹⁵

Nessa dinâmica, o pentecostalismo se propõe próximo de seus fiéis, adentra a vida domiciliar é parte da vida das mulheres que entrevistamos e por isso, constantemente se manifesta nos discursos, mas se mostra parte do pensar, agir e sentir.

2. “Amo ser pentecostal”: o pentecostalismo como solução

2.1. A pertença pentecostal, a conversão e a fé

Há um amalgamar entre a fé e a pertença das pentecostais com a vida cotidiana em suas várias facetas. Por isso, o pentecostalismo é proposto nos discursos como solução para questões diversas. Além de propor o pentecostalismo – não o cristianismo nomeadamente – como solução para problemas religiosos e seculares, seguem acreditando e afirmando que praticam nas próprias vidas a solução religiosa sugerida. O pentecostalismo é para elas uma benéfico que anseiam compartilhar. A declaração da entrevistada Glória (2017) aglutina todo o sentimento e amplitude do significado do pentecostalismo para ela e sintetiza as diversas expressões e discursos das demais: “Amo ser pentecostal!”

Sob a égide pentecostal, a questão religiosa foi apresentada, por exemplo, como causa da violência doméstica. Da mesma maneira, a conversão ao pentecostalismo é sugerida como a solução. Oração e jejum seriam também meios de fortalecimento da fé e alimento da sabedoria, para que saibam agir e aguardar a concretização da solução proposta – a conversão.

Cumpre destacar que o pentecostalismo e os conselhos da liderança religiosa são alternativas e solução com maior adesão das entrevista-

¹⁵ CAMPOS, 2011, p. 524.

das do que as políticas públicas implementadas pelo Estado brasileiro, a saber: polícia especializada, judiciário e casa de amparo. Para melhor demonstrar a força e a presença do discurso pentecostal, a violência doméstica enquanto fato social teve a possessão demoníaca citada por 43%¹⁶ das entrevistadas como uma das suas causas. Ao indagar sobre como resolver essa questão de natureza religiosa, a resposta é um discurso igualmente religioso: – conversão dos cônjuges ao pentecostalismo. Essa solução se torna ainda mais latente, porque a maioria dos cônjuges são tidos pelas entrevistadas como sem-religião. Ora, se a causa de um fato social é tida como sendo de natureza “sobrenatural, religiosa”, ações estatais e seculares propostas pelo Estado são ineficazes ou insuficientes, por isso, pouco procuradas e legitimadas.

Quanto ao histórico religioso pretérito e anterior ao pentecostalismo, 71% se declaravam católicas: Glória, Raquel, Ana, Raabe e Rute. As que eram católicas não compartilharam relatos das experiências católicas, demonstrando desapego com o passado religioso. Acerca de Rute, que era de confissão católica, houve um período no qual relata ter sofrido um problema de saúde e, em decorrência desse fato, tornou-se umbandista por cerca de três anos. Rute comentou (2017): “não posso negar, meu problema de saúde sumiu”. No entanto, encerra a narrativa. Posteriormente Rute diz que se converteu ao pentecostalismo, nesse momento sorri, e afirma convicta que por vinte e três anos é pentecostal. Débora declarou ter pertencido a várias outras igrejas pentecostais, embora não tenha citado os nomes. Sara disse que era sem-religião e se converteu ao pentecostalismo. Notamos que as explicações de conversão não citam o Cristianismo, mas o pentecostalismo, demarcando um lugar de afinidade e identidade. Para o sociólogo Peter L. Berger¹⁷, “as comunidades de vida pressupõem um mínimo de comunhão de sentido.” As mulheres manifestam essa congruência de sentido no pentecostalismo.

Nenhuma das entrevistadas afirmou participar de trânsito religioso, ou seja, mobilidade entre outras confissões religiosas. Ao contrário, a pergunta sobre trânsito religioso, foi imediatamente respondida com

¹⁶ Outras causas também foram apontadas, inclusive cumulativamente. No entanto, a possessão demoníaca é estritamente de natureza religiosa.

¹⁷ BERGER, 2018, p. 28.

um diretivo “não”. Se no Censo 2010, os sem-religião são tidos como aqueles que praticam em alguma escala o trânsito religioso sem grandes constrangimentos, as pentecostais entrevistadas demonstram no discurso exatamente o oposto, manifestam aversão a tal prática, como se tal ato configurasse infidelidade com o pentecostalismo, pertença preferencial¹⁸.

Como dito alhures, a trajetória religiosa dos cônjuges é bem diversa das esposas, 71% das entrevistadas afirmaram que o cônjuge é sem religião; 14% disse que o cônjuge é “católico não praticante” e 14% disse que o cônjuge atual é protestante da Igreja Batista de origem histórica. Aproveitam o ensejo e reforçam a sugestão de conversão deles. As pentecostais explicam e relatam melhorias em suas vidas após a conversão ao pentecostalismo e exemplificam: “fui liberta dos vícios”, “ajuda a pôr o pé no freio”, “eu mudei”, “meu comportamento melhorou (2017)”. Essas experiências pessoais favorecem a crença de que o mesmo ocorrerá com os respectivos maridos. A religião é proposta como um meio para mudanças de natureza comportamental.

Discurso semelhante ao trazido pelas entrevistadas é aduzida por Maria das Dores Campos Machado:

[...] afinal convertida, a mulher pentecostal adquire um novo estilo de vida que facilita o convívio com o dependente do álcool, na medida em que se torna mais tolerante e compreensiva. E ao mesmo tempo, ela passa a se sentir responsável pela salvação de seus familiares, ou seja, por sua alma e sua saúde¹⁹.

Assim, as pentecostais buscam, pela conversão dos maridos, melhorias para eles, para elas e para a família. Acreditam na solução proposta, porque experienciaram algo semelhante. A sintética narrativa das religiões pretéritas pelas mulheres parece ter como um dos objetivos, acentuar e validar a pertença atual. Fernanda Lemos, ao refletir sobre a relação dos pentecostais com outras Instituições e religiões, pondera:

¹⁸ BERGER, 2018.

¹⁹ MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticas e Pentecostais, adesão religiosa na esfera familiar*. São Paulo: ANPOCS, 1996, p. 111.

A negação ao catolicismo como uma religião como outra qualquer, permeia o universo pentecostal, que considera longe dos parâmetros cristãos de obediência e serviço a Deus. Os relatos de conversão ao pentecostalismo geralmente acompanham a lógica discursiva extraordinária. Há uma mística insaturada que parece determinar uma nova vida, como um rito de passagem. Faz-se necessário experiências extra-cotidianas que justifiquem e legitimem o novo homem e a nova mulher²⁰.

Refletindo sobre as melhorias via conversão, que afirmam ter ouvido e posteriormente experienciado, indagamos sobre os efeitos gerais do pentecostalismo na vida delas, as sensações e as transformações observadas. Essa pergunta proporcionou sistematicamente em todas as entrevistadas uma mudança imediata nos semblantes e nas ações corporais – todas sorriram e algumas gargalharam bastante antes de responder. Claramente esse tema proporciona alegria espontânea, que está para além do mero discurso verbal, mas é também discurso corporal e emocional, o que indica recepção do discurso. Tal discurso de conversão ao pentecostalismo foi recepcionado na individualidade de cada mulher e é motivo de gozo quando partilhado.

Débora (2017): ótimo!! Me proporcionou uma mudança de vida. O meu Deus é um socorro. Sem Deus, não sei como teriam sido esses anos todos.

Glória (2017): eu amo ser pentecostal!

Rute (2017): sei discernir o certo do errado. Rejeitar o que não condiz. Ajuda a colocar o “pé no freio”, porque o “erro” não tem aceitação coletiva e a punição vem com perda de cargo, etc.

Sara (2017): minha fé vem da religião. Sem a fé, não há avanço.

Raquel (2017): me faz feliz e é muito importante para mim.

Ana (2017) muito bom ser evangélica, eu bebia e fumava. Hoje eu não tenho mais vícios. Foi através da igreja e do batismo que eu fui liberta.

Raabe (2017): é positivo, me traz calma em casa e me ajuda a lidar com a situação com minha sogra, que é constantemente desafiante.

²⁰ LEMOS, Fernanda. *Pentecostalismos em movimento: o (não) lugar religioso na modernidade*. Curitiba: Prismas, 2017, p. 25.

A percepção dessas mulheres sobre o pentecostalismo é de grande relevância e lhes proporciona bem-estar, e é esse bem-estar que querem difundir. Estes discursos nos dão pistas de como a pertença pentecostal pode ser proeminente mesmo em temas de naturezas diversas: familiar, saúde, social, política, etc. Diante de tais constatações, nos interessamos por compreender como a fé das entrevistadas se correlaciona com outras questões seculares, como, por exemplo, a violência doméstica que elas experienciam.

Débora (2017): inexplicável, [a fé] me ajuda muito. Uma força que eu não explico, a fé não tem como explicar.

Glória (2017): com muita oração, que é a chave para [eu] superar [os] problemas. A oração me ajudou a não ter ódio e sequelas psicológicas.

Rute (2017): aprendi, pela fé, a me amar. Deus toca no [meu] interior e me sinto amada. Eu sou eu.

Sara (2017): só Deus para acalmar, e com o apoio da Igreja.

Raquel (2017): a minha fé me ajuda, me alivia o coração. Peço [a] Deus força e recebo força.

Ana (2017): pela fé, ao reconhecer meu erro, mudar meu comportamento provocativo e superar o acontecido [violência física].

Raabe (2017): a fé em Deus me sustenta. Eu vou ao culto, ouço o louvor. Tenho a Igreja como porto seguro, lá eu posso lavar o meu coração.

Notamos, pelos depoimentos, que a fé se revela para as entrevistadas como convicção num apoio transcendental que as acolhe também nas dores e nos conflitos humanos e seculares. O ter fé é parte, ou seja, um elemento presente no processo transformador que elas afirmam ter vivenciado.

Rute (2017) sei discernir o certo do errado. Rejeitar o que não condiz. Ajuda a colocar o “pé no freio”, porque o “erro” não tem aceitação coletiva e a punição vem com perda de cargo, etc.

Sara (2017) minha fé vem da religião. Sem a fé, não há avanço.

Raquel (2017) me faz feliz e é muito importante para mim.

Ana (2017) muito bom ser evangélica, eu bebia e fumava. Hoje eu não tenho mais vícios. Foi através da igreja e do batismo que eu fui liberta.

Raabe (2017) é positivo, me traz calma em casa e me ajuda a lidar com a situação com minha sogra que é constantemente desafiante.

Observamos que nenhum depoimento falou do céu, do inferno e da salvação pós morte correlacionado com a fé. Ao contrário, a perspectiva da fé foi trazida para a ordem das coisas práticas e humanas, como elemento modificador das coisas objetivas e manifestas, a ponto de Sara (2017) dizer “sem a fé, não há avanço.” Logo, um caminhar junto com o transcendente.

2.2. As pentecostais e as mulheres na Bíblia

Buscamos compreender como as entrevistadas, sendo mulheres, se percebiam no Cristianismo e percebiam as mulheres na Bíblia. Para tanto, indagamos sobre mulheres na Bíblia Sagrada. Todas demoraram a responder e se inquietaram com tal questão.

Os resultados mostram que 57% se lembraram de no mínimo uma passagem bíblica sobre mulheres²¹, mas 43% não se lembraram de nenhuma passagem bíblica referente às mulheres. Não obstante, as entrevistadas demonstraram ao longo das entrevistas algum conhecimento da Bíblia, embora não fosse nosso objetivo mensurar esse tema, esse dado sugere que a dificuldade reside no recorte ‘mulheres’ na Bíblia, como parte do Cristianismo e não apenas seguidoras do Cristianismo.

As mulheres amam ser pentecostais, têm fé, almejam que outras(os) se convertam, mas não percebem com facilidade a ressonância do gênero feminino nesses contextos religiosos dos quais participam, sugerem e fervorosamente declaram afinidade. Evidente que ao menos para essas pentecostais, predomina o imaginário religioso patriarcal, em estrutura androcêntrica.

²¹ A entrevistada Débora (2017), João 4.1- 29, que relata o diálogo entre Jesus e a mulher – samaritana e Juízes 4.4, que retrata a personagem bíblica Débora. A indicação de Rute está no livro de Provérbios 31.10-31. Para Raquel, o texto bíblico lembrado foi Provérbios 14.1. As entrevistadas Ana e Raabe não se lembraram de nenhuma passagem bíblica envolvendo as mulheres e demonstraram uma certa frustração por isso. Sara também disse não se lembrar, mas emendou sua fala, dizendo que na Bíblia alguns homens casados tinham concubinas cita o exemplo de Salomão.

Segundo Carolina Teles Lemos, “[...] A mulher, na história do cristianismo, encontra bem pouca (in)formação positiva a partir da qual possa alimentar uma concepção não patriarcal de si mesma e de suas relações com o masculino”²². Há uma associação mais evidente da Bíblia e do Cristianismo com a figura masculina. Parece-nos imprescindível que as mulheres se sintam parte do Cristianismo, além de serem seguidoras fiéis, porque sim, foram e são parte importante também dessa tradição religiosa. Isso nos faz pensar que o discurso religioso ainda preserva a hegemonia masculina e os líderes, que são majoritariamente homens, preservam esse androcentrismo. Para Johan Konings:

No sistema religioso do judaísmo rabínico, as mulheres ocupavam, mais do que na época patriarcal ou mesmo no Israel clássico, um lugar secundário. No Quarto Evangelho, ao contrário, o papel desempenhado pelas mulheres é notável, a ponto de o escrito prestar-se para relevante leitura feminista²³.

Logo, é necessário que se produza hermenêuticas e se perceba na revelação Bíblica, uma teologia que inclua as mulheres, como já abordado e proposto por várias teólogas brasileiras²⁴. Sendo assim, é relevante que nas igrejas pentecostais as relações de gêneros sejam ressignificadas na busca de maior igualdade. Da mesma maneira, importante que as mulheres assumam posição de pertença ativa, para que sejam vozes pentecostais ativas.

3. O discurso da liderança religiosa

A liderança religiosa além de ser referência em assuntos religiosos e espirituais, é convocada pelas mulheres para assuntos das respectivas

²² LEMOS, Carolina Teles. “Equidade de gênero: uma questão de justiça social e de combate à violência, ideias religiosas como ângulo de análise”. *Revista Mandrágora*, São Bernardo do Campo, v. 1, n. 1, 1994, p. 83.

²³ KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João: Amor e Fidelidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 40.

²⁴ No Brasil, destacamos as teólogas Maria Clara Bingemer, Ivone Gebara e Ivoni R. Reimer.

vidas seculares. Acerca dos problemas seculares e familiares, como a violência doméstica, por exemplo, 71% das entrevistadas pediram conselho aos líderes. Ainda, 57% afirmaram que seguiram em algum momento os respectivos conselhos dos líderes religiosos. Os conselhos compartilhados pelas entrevistadas sobre a violência doméstica perpassam o “ter paciência e ser sábia, orar, ter fé em Deus”, dentre outros.

Vindo do líder religioso, e diga-se, havia também uma líder religiosa, tais conselhos se revestem de respeitabilidade, um discurso ornado com o respaldo religioso, com carisma. No entanto, alguns conselhos atentam contra a dignidade das mulheres, além de serem perigosos para a segurança física e emocional das mulheres, afinal, a reincidência da violência doméstica tende a agravar o ato cometido, como aduz Júlio Jacobo Waiselsz²⁵. Porém, tais conselhos são considerados como sendo bons para a família e para o processo de conversão dos cônjuges. As mulheres acolhem em grande medida tais conselhos e colocam em prática, como visto em campo.

Segundo Ivone Gebara, “[...] o mal é aceitar o destino de oprimido/a, sem lutar pela própria dignidade. O mal é calar-se quando é preciso denunciar as injustiças”²⁶. Essa premissa não se aplica apenas aos fiéis, como a todos, que de alguma maneira contribuem para manutenção da ordem social que desumaniza e nega o outro. Este outro no contexto em estudo são as mulheres e seus descendentes que vivenciam a situação de violência doméstica reincidentemente nas casas. Considerando a força da religião e, por conseguinte, dos discursos dos líderes religiosos pentecostais na produção simbólica que perpassa as entrevistadas, aduz Sandra Duarte Souza:

[...] a religião exerce uma importante função de produção e reprodução de sistemas simbólicos que têm uma influência direta sobre as relações sociais de sexo. [...]. Os sistemas religiosos são sistemas

²⁵ WAISELSZ, Júlio Jacobo. *Mapa da Violência de Crianças e Adolescentes do Brasil de 2012*. Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br>>. Acesso em: 06 nov. 2017.

²⁶ GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio*. Uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 196.

de sentido, construindo uma cosmovisão generificada orientadora de seus seguidores e seguidoras²⁷.

O líder pentecostal não é apenas um religioso, é considerado também como um portador de carisma divino, tem autoridade inquestionável e por isso, tantas entrevistadas buscam neles conselhos e os seguem. Sobre o líder carismático explica Max Weber:

A autoridade do dom da graça (carisma) extraordinário e pessoal, a dedicação absolutamente pessoal e a confiança pessoal na revelação, heroísmo ou outras qualidades da liderança individual. É o domínio “carismático”, exercido pelo profeta [...]²⁸.

O poder eclesiástico é centralizado, por isso, o discurso do líder carismático eclesiástico é uma voz de quase unanimidade. O discurso é religioso, mas está envolto em preceitos éticos, morais e também políticos com amplitude e alcance consideráveis. Por isso, destacamos a ausência frequente de mulheres ocupando cargos de liderança nas instituições religiosas. Max Weber afirma:

A devoção ao carisma do profeta, do líder na guerra ou do demagogo bem grande na Eclésia ou no Parlamento significa, sim, que ele é considerado pessoalmente como o líder interiormente vocacionado dos homens, que esses não se submetem a ele por força dos costumes ou dos estatutos, mas porque acreditam nele²⁹.

Se assim for, equivale dizer que as mulheres não são vocacionadas a exercerem liderança, apenas a subordinação. Aliás, muitas sequer poderão exercer a liderança via pastorado em suas igrejas, porque os regimentos internos escritos sobretudo pelos homens vedam o pastorado feminino em muitas igrejas evangélicas. Essa é uma das questões que

²⁷ SOUZA, Sandra Duarte de; SANTOS, Naiara Pinheiro dos. (Orgs.) In: SOUZA, Sandra Duarte de. *Estudos feministas e religião, tendências e debates*. Volume 2. Curitiba: Prismas, 2015, p. 14.

²⁸ WEBER, Max. *Economia e sociedade*. 2ª ed. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe. São Paulo: Editora UNB, 2004, p. 56.

²⁹ WEBER, Max. *Ciência e política duas vocações*. São Paulo: Martin Claret, 2015, p. 65.

reforçam a desigualdade nas relações de gênero. A liderança masculina que goza da confiança daqueles(as) que professam a mesma pertença usufrui do atributo da personalidade e da autoridade manifesta na figura do líder. Sendo essa função prioritariamente masculina, reforça-se o poderio religioso majoritariamente androcêntrico. A autoridade citada por Max Weber foi percebida na pesquisa de campo. Há de se destacar também a lealdade para com o líder, que se mostra como inspirador e exemplo de fé a ser seguido, afinal, ele traz em si o carisma do Espírito Santo. Sobre esse aspecto de lealdade pessoal para com o líder religioso, Campos assevera:

Para evitar esse processo de liquidificação do religioso, uma das formas tidas como acertadas é introduzir a lealdade pessoal aos líderes carismáticos, os quais se tornam novos intermediários rearticuladores das relações humanas ao redor do sagrado. Como resultado desse processo, fronteiras desde há muito demarcadas, identidades tradicionalmente consagradas, se tornaram rapidamente irrelevantes³⁰.

Nessa esfera, as mulheres também não serão exemplos as serem seguidas, porquanto raramente serão líderes, pastoras. Há nessa prática um discurso hegemônico que se convalida pelo viés religioso. Sendo um portador de carisma divino no sentido weberiano, as palavras do líder são revestidas de poder e autoridade que vem de Deus e flui pelo agir e manifestação do Espírito Santo. Nesse aspecto, a validação é tácita, questionar poderia ser compreendido como ato de rebeldia frente às diretrizes organizacionais e espirituais designadoras da pertença e da fé. Talvez por isso não tenham tantas vozes femininas no esteio religioso. Campos afirma:

Esse pentecostalismo padronizou o ritual, centralizou o poder eclesiástico, fez dos pastores autoridades indiscutíveis, eliminou formas de governo de estilo representativo ou congregacional, colocando-se tudo nas mãos de uma liderança carismática (no sentido weberiano da palavra). Liturgicamente fez-se do serviço religioso uma fonte de alegria, descompressão psicológica, lugar da música e da

³⁰ CAMPOS, 2011, p. 516.

dança, um tempo destinado a recarregar a consciência de otimismo, esperanças e utopias, deixando-se para fora do templo as misérias do mundo³¹.

Por isso, a liturgia dos cultos é definida e coordenada também pela liderança majoritariamente masculina, que saberia como se aproximar e agradar a Deus conduzindo os demais e sobressalentemente as mulheres. Aliás, característica comum aos evangélicos, como ensina Antônio Gouvêa Mendonça³². Para Campos³³, a oração é “negociação entre Deus e a humanidade”. Não entendemos que se trate de negociação, pois essa compreensão reduziria toda a experiência de fé e de Deus a relações mercadológicas.” Pensamos que a oração é um meio de aproximação entre Deus e a humanidade, por meio de expressão linguística humana falada ou silenciosa. Não obstante, algumas pessoas podem utilizar desse meio para realizações outras, como barganhas e convencimento de pessoas, que seriam divergentes ao objetivo precípua de experiência primeira.

A oração, enquanto linguagem oralizada, é destaque como meio de diálogo com Deus. Tal prática é especialmente importante quando a liderança religiosa ergue a voz, sendo ouvido(a) pelos(as) presentes e, em decorrência desse ato, realiza curas milagrosas, expulsa espíritos malignos e traz sobre a Igreja a manifestação do Espírito Santo. Estas manifestações convalidam a figura do líder religioso carismático. As entrevistadas comentam as experiências ao orar, como sendo extraordinárias, elas ‘sentem o Espírito Santo’.

A Bíblia continua sendo reconhecida indubitavelmente como escritura sagrada para as pentecostais. Porém, a palavra manifesta do (a) fiel pentecostal e, especialmente, a liderança religiosa, são tidas também meios de revelação divina, especialmente quando decorrentes do ato de falar em línguas. Parece comum que a liderança tenha frequentemente a experiência de falar em ‘línguas estranhas’. Então, o discurso do líder goza de muito respeito e endosso. Campos afirma:

³¹ CAMPOS, 2011, p. 521.

³² MENDONÇA, 2008.

³³ CAMPOS, 2011, p. 521.

O princípio da *sola scriptura* foi enfraquecido pela adoção da revelação individual, pelo uso da Bíblia como um objeto mágico-terapêutico. As doutrinas da “sola gratia” e sola fide são limitadas pela ideia do esforço e sacrifício pessoal e pelo uso do sentimento para a confirmação da salvação e revelação de Deus. O princípio do sacerdócio universal foi mantido, porém, a centralização na figura do líder carismático como intermediário nas relações entre o sagrado e profano, praticamente fez da participação individual algo meramente decorativo e perdido no meio da massificação do culto pentecostal³⁴.

A Igreja no contexto pentecostal, não importa se é um templo suntuoso ou simples em tamanho e adornos, é tida também como casa de milagres, salvação, libertação de espíritos malignos, benção, cura e batismo do Espírito Santo, dentre outros. Logo, um local no qual as entrevistadas se dizem “bem, felizes e seguras”³⁵. David Mesquiati, buscando sintetizar a crença e prática pentecostal, pondera:

Uma teologia pentecostal, que está dada pela relação intensa que desenvolve com o templo – alta frequência, com a Bíblia – paixão pelas Escrituras, mormente lida e aplicada literalmente, com a atualidade dos dons espirituais – capacitação e sacerdócio de todos os crentes, com a escatologia – esperança de novo céu e do encontro com Cristo e com a missão – anunciada em qualquer lugar e a todos [as]³⁶.

Tais questões abordadas por David Mesquiati se revelam alinhadas com as características religiosas percebidas em nossas entrevistadas. Há alusão a experiências especiais a partir do agir do Espírito Santo como sendo eixo de muito destaque e para o qual há grande engajamento e busca. O alinhamento de discurso sobre o Espírito Santo é notório em receptividade pelas pentecostais. Nesse sentido, pondera David Mesquiati:

³⁴ CAMPOS, 2011, p. 521.

³⁵ Conforme comentado pelas entrevistadas na pesquisa de campo realizada em fevereiro de 2017, constantes no capítulo seguinte.

³⁶ MESQUIATI, David. “Pentecostalidade da missão Latino-Americana: uma nova reforma na igreja?” *REFLEXUS* – Revista Semestral de Teologia e Ciências da Religião, Vitória, v. 05, n. 6, p. 1-10, fev. 2011, p. Disponível em: <<http://revista.faculdadeunida.com.br>>. Acesso em: 23 ago. 2018. MESQUIATI, 2011, p. 94.

As experiências espirituais apontam para uma missão marcada por sinais miraculosos e a maioria dos grandes projetos missionários pentecostais começam a partir de reuniões de oração, onde buscam orientações através de sonhos, visões e revelações específicas³⁷.

Sobre a veracidade de experiências nos estudos de religião, temos a valiosa contribuição de Jeppe Sinding Jensen, que pergunta:

O que é verdadeiro? No início nós devemos simplesmente dizer que as alegações religiosas e científicas de validade são de ordens radicalmente diferentes. Reivindicações religiosas, com referências às verdades ou agentes transcendentais são impossíveis de se validar cientificamente, e a maior parte do discurso religioso é impermeável aos dados, explicações e interpretações das ciências. Dito isto, é igualmente evidente que os assuntos dos estudos da religião podem de fato ser estudados como os comportamentos humanos, ideias e instituições, e, nesse aspecto não parece haver problemas específicos sobre reivindicações de verdade³⁸.

Assim, não faz parte do escopo desse estudo discutir o verdadeiro. Destarte, tais manifestações são frequentemente citadas nos estudos de pentecostalismo como práticas e experiências recorrentes. Para nossas entrevistadas, o “agir do Espírito Santo” se mostrou precioso. Frente ao exposto, o pentecostalismo, além de dinâmico e rico em fenômenos, apresenta grande capacidade de se reinventar e agregar elementos que convirjam com os anseios cotidianos e com o momento histórico, inclusive os avanços tecnológicos e midiáticos. Essa adaptação seria oriunda de adequações do pentecostalismo à realidade contemporânea, para continuar atendendo às demandas de seu público e do momento histórico, característica de uma religião mórfica.

³⁷ Sobre religião e magia no senso religioso contemporâneo, ver dissertação de Tatiane Aparecida de Almeida (2017). Cf. MESQUIATI, 2011, p. 96.

³⁸ JENSEN, Jeppe Sinding. “Introdução: temas epistemológicos para o estudo da religião”. Tradução de Eduardo Rodrigues da Cruz. *Revista Rever – Estudos da Religião*, São Paulo, ano 13, n. 2, dez. 2013, p. 172. Disponível em: <<http://www.pucsp.br>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

Dada a natureza dinâmica, absorvente e aderente ao público que almeja alcançar, nos parece prematuro considerar esses novos remodelares do pentecostalismo como uma nova religião, mas carecem de observação e estudo, em especial, a partir dos chamados cristãos sem igreja, ou nos termos do Censo de 2910, sem religião.

Ademais, o pentecostalismo não é exatamente um movimento rigidamente dogmatizado, em suas doutrinações e estruturas em termos teológicos. Por oportuno, os pentecostais estão sempre inovando e as estatísticas apontam para um crescimento quantitativo significativo. Também por isso os estudos sobre o pentecostalismo são fartos e constantemente carecem de atualização, para condizerem com as novas dinâmicas desses grupos em suas variadas denominações e práticas³⁹.

Aliás, no cenário pentecostal, a liturgia é definida e coordenada em grande medida pelo líder, como aduzido por Campos, “esse pentecostalismo padronizou o ritual, centralizou o poder eclesiástico, fez dos pastores autoridades indiscutíveis [...]”. A partir das entrevistas não é possível assegurar que os discursos dos líderes são decisivos nas atitudes das mulheres pentecostais, mas em alguma medida se manifestam relevantes. Por isso, um discurso que favoreça a emancipação das mulheres no sentido de igualdade de direitos e dignidade humana são profícuos e necessários.

Considerações finais

Nosso foco prioritário nesse artigo foi a apresentação de parte dos aspectos religiosos identificados nos discursos das entrevistadas pentecostais, que se refere ao pentecostalismo, à pertença, fé, e dos discursos das lideranças religiosas pentecostais. Apresentados os dados e análises, concluímos pelo alcance da pertença e das crenças presentes no pentecostalismo, para além das estruturas da Igreja que as mulheres frequentam, as quais se manifestam também no cotidiano.

³⁹ CAMPOS, 2011, p. 521. Não fizemos distinções por vezes debatidas entre os estudiosos sobre as diferenciações entre pentecostais e neopentecostais. Isso porque nos direcionamos pela pertença religiosa declarada pelas entrevistadas.

Como o pentecostalismo presente no modo de vida e de interpretação das relações sociais e culturais, os discursos das lideranças religiosas são relevantes para a vida e decisões das fiéis em alguma medida. A percepção das entrevistadas sobre as mulheres na bíblia é limitada e pode decorrer de limitação de conhecimento bíblico ou de pouca identificação das mulheres no Cristianismo como resultado de uma herança religiosa com estruturação androcêntrica e patriarcal.

Concluimos pelo alcance da pertença e das crenças presentes no pentecostalismo para além das estruturas da Igreja que as sete mulheres frequentam que alcança o ambiente doméstico e também o público, sendo um instrumento para esse alcance o discurso e a recepção do discurso religioso. Destacamos que os discursos são religiosos, mas também políticos, e se propõem como solução religiosa, espiritual e também secular. Por fim, a pertença pentecostal é tida como benéfica pelas entrevistadas. Por isso, “ama[m] ser pentecostal” e sugerem o pentecostalismo como uma solução polivalente que as fazem felizes.

Referências

- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido*. A orientação do mundo moderno. 2018. 3ª ed. Petrópolis: Vozes.
- BRASIL, Instituto de Estatística e Geografia do Brasil – IBGE. *Censo das religiões 2010*. Disponível em <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo>. Acesso em 27 set. 2017.
- BINGEMER, Maria Clara L. *O segredo feminino do mistério: ensaio de teologia na ótica da mulher*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. *Revista USP – Estudos de Ciências e Humanidades*, São Paulo, n. 67, p. 100-115, nov. 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br>>. Acesso em: 02 fev. 2017.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. “Pentecostalismo e protestantismo histórico no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças”. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, n. 22, p. 504-533, 2011.

- CUNHA, Magali do Nascimento. *Dos púlpitos às mídias sociais*. Evangélicos na política e ativismo social. Curitiba: Prismas, 2017.
- FAIRCLOUGH, Norman. Tradução de Iran Ferreira de Melo. *Methods of critical discourse analysis*. Organizada por Wodak e Meyer. 2ª ed. Londres: Sage, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*: aula inaugural no Collège de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 15ª ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio*. Uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000.
- JENSEN, Jeppe Sinding. “Introdução: temas epistemológicos para o estudo da religião”. Tradução de Eduardo Rodrigues da Cruz. *Revista Rever – Estudos da Religião*, São Paulo, ano 13, n. 2, p. 171-191, dez. 2013. Disponível em: <<http://www.pucsp.br>>. Acesso em: 20 ago. 2018.
- KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João: Amor e Fidelidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- LEMOS, Carolina Teles. “Equidade de gênero: uma questão de justiça social e de combate à violência, ideias religiosas como ângulo de análise”. *Revista Mandrágora*, São Bernardo do Campo, v. 1, n. 1, p. 76-88, 1994.
- LEMOS, Fernanda. *Pentecostalismos em movimento: o (não) lugar religioso na modernidade*. Curitiba: Prismas, 2017.
- LODI, João Bosco. *A entrevista: teoria e prática*. 2ª ed. São Paulo: Pioneira, 1974.
- MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa*. 7ª ed. São Paulo: Atlas. 2012.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticas e Pentecostais, adesão religiosa na esfera familiar*. São Paulo: ANPOCS, 1996.
- MESQUIATI, David. Pentecostalidade da missão Latino-Americana: uma nova reforma na igreja? *REFLEXUS – Revista Semestral de Teologia e Ciências da Religião*, Vitória, v. 05, n. 6, p. 89-98, fev. 2011. Disponível em: <<http://revista.faculdadeunida.com.br>>. Acesso em: 23 ago. 2018.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *Protestantes, Pentecostais e Ecumênicos*. O campo religioso e seus personagens. 2ª ed. São Bernardo do Campo: Metodista, 2008.

- REIMER, Ivoni. Richter (Org.). *Direitos humanos, enfoques bíblico, teológicos e filosóficos*. Goiânia; São Leopoldo: Editora Puc Goiás; Oikos, 2011.
- RITZ, Claudia Danielle de Andrade. “A casa das sete mulheres”. *Revista Mandrágora*. v. 24, n. 1, p. 95-125. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/view/8811/6308>>. Acesso em: 29 mar. 2019.
- RITZ, Claudia Danielle de Andrade. *A casa purpura e escarlate: Um estudo sobre os aspectos socioreligiosos da violência doméstica experienciada por sete mulheres pentecostais*. (Dissertação de mestrado). 213 fls. PUC Minas, 2018.
- SOUZA, Sandra Duarte de; LEMOS, Carolina Teles. *A casa, as mulheres e a igreja*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.
- SOUZA, Sandra Duarte de; SANTOS, Naiara Pinheiro dos. (Orgs.) In: SOUZA, Sandra Duarte de. *Estudos feministas e religião, tendências e debates*. Volume 2. Curitiba: Prismas, 2015. Cap. 1. 7-34.
- WASELSZ, Júlio Jacobo. *Mapa da Violência de Crianças e Adolescentes do Brasil de 2012*. Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br>>. Acesso em: 06 nov. 2017.
- WEBER, Max. *Ciência e política duas vocações*. São Paulo: Martin Claret, 2015.
- WEBER, Max. *Economia e sociedade*. 2ª ed. Vol. 1. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe. São Paulo: Editora UNB, 2004.
- WEBER, Max. *Economia e sociedade*. 2ª ed. Vol. 2. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe. São Paulo: Editora UNB, 2004.